

## CONTRIBUIÇÕES, DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA PRÁTICA PROFISSIONAL DO TRADUTOR INTÉRPRETE DE LIBRAS DO INSTITUTO FEDERAL DO PIAUÍ

Joaquina Maria Portela Cunha Melo; Luzia Almeida de Sousa; Tania Maria dos Santos;  
Delany Ramos de Sousa; Dinalva Clara Monteiro dos Santos Silva

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí*

[Joaquina.cunha@ifpi.edu.br](mailto:Joaquina.cunha@ifpi.edu.br)

[luzia.sousa@ifpi.edu.br](mailto:luzia.sousa@ifpi.edu.br)

[taniamarialibras@gmail.com](mailto:taniamarialibras@gmail.com)

[delany.ramos@ifpi.edu.br](mailto:delany.ramos@ifpi.edu.br)

[dinalva.silva@ifpi.edu.br](mailto:dinalva.silva@ifpi.edu.br)

**Resumo:** O presente artigo traz relatos de experiência do profissional tradutor intérprete de LIBRAS atuando no contexto educacional de sala de aula, no ensino técnico integrado ao médio, no Instituto Federal do Piauí – IFPI, campus Teresina Central. Tem por objetivo apresentar as vivências deste profissional destacando suas contribuições, possibilidades da profissão e as dificuldades enfrentadas neste ambiente, como um sujeito que muitas vezes tem sua função confundida com a de professor. No intuito de valorizar as experiências vivenciadas pelo profissional tradutor intérprete de LIBRAS no exercício de sua função, num primeiro momento, apresenta-se uma abordagem da trajetória histórica deste profissional, com destaque para sua importância em sala de aula como mediador da comunicação entre surdos e ouvintes, garantindo, neste cenário, o cumprimento do decreto de nº 5.626 de 2005. Em seguida, faz-se uma discussão sobre a formação deste com a regulamentação de sua profissão por meio da Lei de nº 12.319 de 2010. E, por último, apresenta-se uma análise das experiências relatadas por esses profissionais no exercício da sua função, pontuando dificuldades encontradas, contribuições desse trabalho de intérprete tradutor e novas possibilidades para o exercício dessa profissão dentro da Instituição. Para o desenvolvimento da pesquisa os dados foram coletados através de relatos de experiência dos 4 profissionais, tradutores intérpretes de LIBRAS do Instituto Federal do Piauí campus Teresina central. Para fundamentar este trabalho, foram considerados os seguintes autores: QUADROS (2004), SOUZA (2007) LACERDA (2014) e GÓES (2012), dentre outros.

**Palavras-chave:** Intérprete, LIBRAS, Vivências, Surdo, Educação

## INTRODUÇÃO

Atualmente, o intérprete de LIBRAS é um profissional requisitado em muitos ambientes e em eventos variados, pela necessidade legal de garantir o acesso das pessoas surdas às informações que são veiculadas. É nessa perspectiva que se coloca a atividade desse profissional como imprescindível para oferecer acessibilidade para pessoas surdas nas mais diversas situações, principalmente no ambiente escolar.

As pessoas surdas têm como língua materna a Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS, diferentemente dos ouvintes que possuem a Língua Portuguesa como sua primeira língua. Nesse contexto, a figura do intérprete entra para estabelecer entre essas duas comunidades, surdos e ouvintes, um entendimento na comunicação.

Segundo Quadros (2004, p.7) o intérprete de língua de sinais é a “pessoa que interpreta de uma dada língua de sinais para outra língua, ou desta outra língua para uma determinada língua de sinais”.

O trabalho do intérprete de LIBRAS ganhou relevância com as políticas públicas de inclusão, que permitiram aos surdos maior participação na sociedade, dando-lhes condições de receber informações na sua primeira língua em eventos, reuniões e, principalmente sendo incluídos nas escolas regulares. Além disso, quando a LIBRAS foi reconhecida como língua da comunidade surda pela Lei 10.436/2002, regulamentada pelo decreto 5.626/2005, isso fez com que o intérprete fosse indispensável para promover ao surdo à inclusão onde estiver presente, gerando assim a necessidade da capacitação dos profissionais para atuar em conferências, consultas, concursos e no ambiente educacional, sendo este último foco de discussão mais aprofunda neste trabalho.

Nesse contexto, a abertura de um conceito de educação inclusiva bilíngue inseriu o intérprete no âmbito da sala de aula como um mediador nas relações comunicativas entre alunos surdos, ouvintes e professores, fazendo-o surgir como um novo sujeito dentro do ambiente educacional, mas ainda cercado por muitas dúvidas quanto ao seu verdadeiro papel. Nessa perspectiva de conhecer as experiências da prática desse profissional no contexto da sala de aula é que se inserem os objetivos desta pesquisa.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho desenvolveu-se a partir de pesquisa qualitativa, uma vez que segundo Gerhardt e Silveira (2009, p.31) “a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc”.

Assim, para embasar o trabalho foram pesquisadas bibliografias com o intuito de melhor compreender a temática sobre o profissional intérprete, de acordo com Fonseca (2002, p.32) “procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.”

Somou-se ao estudo como instrumento de obtenção de informações aplicação de uma única pergunta, a qual foi solicitado ao pesquisado o relato de sua experiência dentro da instituição que serviu como lócus, sendo está uma técnica conforme diz Prodanov e Freitas (2013, p. 59) “ (...) deverá ser representativa e suficiente para apoiar as conclusões”.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

No IFPI, não apenas no campus Teresina Central, é novidade a presença do profissional intérprete de LIBRAS como servidor efetivo, antes existiam apenas tutores. Com a demanda crescente de alunos surdos e a obrigatoriedade da legislação, fez-se necessária a realização de concurso público para contratação deste profissional.

Assim, como atividade recente no campus Teresina Central, os intérpretes têm vivenciado situações diversas que afetam a sua prática e, certamente, têm muito a dizer sobre suas vivências profissionais. Nesse sentido, conhecer as dificuldades desse trabalho e as possibilidades para desenvolvimento dessa profissão dentro do campus dando voz aos profissionais da área através dos seus relatos apresentou-se como uma proposta instigante a partir da qual podem ser traçados novos paradigmas para essa atividade dentro da Instituição.

Os profissionais, estabelecidos no Campus Teresina Central, tem formação acadêmica na área da educação, especialização em LIBRAS, são tradutores intérpretes de LIBRAS formados pelo CAS e possuem experiência profissional entre três a cinco anos nesta função. Deste modo são profissionais capacitados com prática suficiente na área de interpretação educacional e podem, pois, expressar

suas vivências com segurança, principalmente no que diz respeito à sala de aula.

Nesse contexto, apresenta-se o relato de experiência dos tradutores intérpretes de LIBRAS do campus Teresina Central, sujeitos que contribuíram para esta pesquisa destacando suas dificuldades e possibilidades encontradas ao atuar dentro de sala e em outros espaços da instituição.

Intérprete 1	<p>Já esperava os desafios cotidianos, pois era uma atuação em sala de aula de curso técnico com um grande número de disciplinas e uma carga horária extensa. Comecei atuar no meio do semestre, o ano letivo e os conteúdos disciplinares estavam avançados o que dificultou um bom desempenho nas interpretações, que precisa muitas vezes de uma preparação prévia.</p> <p>Me deparei com um aluno que apresentava um conhecimento básico em Libras, sendo que a mesma cursava ensino médio, o que exigiria um conhecimento mais avançado da língua de sinais, então foi necessário o uso de estratégias como: datilografia, gestos, escrita. O diferencial estava no domínio do português que esta aluna tem superior aos demais alunos surdos que já tive contato.</p> <p>Outra dificuldade que encontrei foi em relação ao corpo docente que não sabiam de fato a minha função em sala de aula, provocando olhares de surpresa, alguns tinham conhecimento da profissão outros não, algumas vezes fui chamada de tutora, mas a situação foi contornada no momento em que aconteceram reuniões para apresentações e esclarecimentos sobre a atuação do profissional intérprete.</p> <p>As mudanças começaram a surgir depois da minha presença como intérprete, a aluna começou a expor suas opiniões e indagações durante as aulas, passou a ser um sujeito ativo na classe, inclusive na apresentação de trabalhos, estas mudanças só foram possíveis com a colaboração e interação do professor e intérprete que estabeleceram contato para esclarecimentos sobre particularidades do seu aluno surdo, com isso foi conquistado inclusive provas adaptadas de algumas disciplinas e aulas extras, o que mostrou resultados positivos, contudo nem todas as avaliações seguem a regra.</p>
--------------	---



<p>Intérprete 2</p>	<p>Eu, Interprete de Libras no Instituto Federal do Piauí, tenho visto um avanço no que tange a inclusão, mas tenho visto também as dificuldades sentidas por nós, intérpretes, por causa das diferenças de áreas nos cursos do IFPI, dificultando na sinalização de alguns termos que não possuem sinal e o não revezamento de intérpretes no atendimento ao surdo em sala de aula, que se torna um pouco cansativo, principalmente nas disciplinas pedagógicas.</p> <p>A sinalização em algumas disciplinas se torna dificultosa devido a estes sinais não terem sido oficializados e escolhidos pelos surdos, por exemplo, um dos surdos que presto atendimento faz o curso de eletrotécnica e é o primeiro surdo no Piauí a ingressar no curso, este também apresenta muita dificuldade no português escrito o que dificulta muito.</p> <p>Por outro lado, percebo que os surdos aqui matriculados tem um excelente desempenho, apesar das dificuldades que tiveram no ensino fundamental ou médio sem Intérpretes de Libras, avançaram no processo de aprendizagem e se sentem mais inseridos por causa dos Intérpretes. É também muito gratificante poder fazer parte desse elo entre o surdo e o Instituto e ver o avanço dessa inserção</p>
<p>Intérprete 3</p>	<p>Sou intérprete do Instituto Federal campus Teresina Central, não tive muitas dificuldades no que se refere à aluna surda, pois a mesma tem domínio de LIBRAS e do Português comparando com outros surdos que já fui intérprete. No início alguns professores ficaram surpresos com a minha presença em sala, mas com o tempo aconteceram algumas reuniões coordenadas pela diretora de ensino com a presença de todos os intérpretes e muitas questões foram esclarecidas de como proceder com o aluno surdo em sala de aula, informações que facilitaram as aulas, elaboração de provas e apresentação de trabalhos.</p> <p>Um dos grandes desafios desta função no IFPI é que os cursos técnicos integrados ao médio possuem uma carga horária extensa e não temos outro profissional para revezar, isso gera um grande cansaço físico e mental, no final da aula estou tão cansada que a qualidade da interpretação não é a mesma, algumas vezes tenho que parar de sinalizar para descansar e neste período o surdo perde muitas informações. Também existem algumas dificuldades em relação às disciplinas específicas que não existem sinais para alguns termos, neste caso combinamos com o surdo sinais informais para usar.</p> <p>Mesmo com as dificuldades sinto que os professores, não todos são bem abertos a novas informações sempre que surge uma dúvida perguntam como trabalhar alguns conteúdos, sinto que existe esta parceria intérprete – professor. Também quando tenho algumas dificuldades em relação ao conteúdo os professores explicam para que a sinalização seja mais segura facilitando a compreensão da aluna surda.</p>

Intérprete 4	<p>Estou consolidando minhas experiências de intérprete de Libras no Instituto Federal do Piauí –IFPI, e percebo algumas diferenças neste ambiente acadêmico, pois apesar do público ser constituído de surdos e ouvintes, assim como nos demais espaços educacionais que já interpretei, os conteúdos curriculares do curso, são desafiadores, exigem mais estudos e dedicação, o que envolve processos cognitivos complexos, bem como demandar grande esforço físico e mental pela quantidade de aulas ministradas e por atuar sozinha em sala sem possibilidade de revezamento, em alguns momentos percebo que as interpretações perdem um pouco a qualidade. No que diz respeito à aluna surda percebo algumas dificuldades em relação ao português escrito, mas consegue expressar – se em Libras, sem dificuldade, a não ser em algumas disciplinas que está tendo contato agora.</p> <p>A necessidade de um vocabulário amplo e específico acredito se constitua outra dificuldade encontrada na execução desta função, até porque muitas vezes não temos acesso com antecedência aos conteúdos a serem trabalhados. Acredito que alguns professores não entendem que precisamos planejar nossas interpretações, procurar sinais novos, debater com os outros profissionais. Por isso, muitas vezes é comum os intérpretes serem confundidos com um tutor/professor do aluno surdo ou mesmo da sala de aula. Porém não senti esta dificuldade uma vez que, comecei a trabalhar no IFPI depois das outras intérpretes e acredito que elas esclareceram nossa real função na mesma.</p> <p>O IFPI ao promover a inclusão dos profissionais intérpretes contribui expressivamente com a inclusão dos surdos aumentando as chances de em um futuro próximo termos ótimos profissionais no mercado de trabalho.</p>
--------------	---

Diante de tudo que foi exposto pode-se perceber que os profissionais apresentam em comum algumas dificuldades no diz respeito à carga horária trabalhada dentro de sala de aula, sendo a mesma extensa, poucos profissionais para atender demanda o que não possibilita o revezamento entre os mesmos, a dificuldade nos sinais das disciplinas específicas, pois requer um domínio diferenciado dos conteúdos, o profissional precisa ter um conhecimento prévio dos conteúdos através do acesso aos materiais ministrados em sala antecipadamente, para assim melhorar a qualidade da sua interpretação.

Segundo Quadros (2004, p. 27):

*Processa a informação dada na língua fonte e faz escolhas lexicais, estruturais, semânticas e pragmáticas na língua alvo que devem se aproximar o mais apropriadamente possível da informação dada na língua fonte. Assim sendo, o intérprete também precisa ter conhecimento técnico para que suas escolhas sejam apropriadas tecnicamente.*

Duas intérpretes apontam como uma de suas dificuldades o português escrito por parte dos alunos surdos que acompanham o que dificulta no desenvolvimento das atividades, pois os alunos conseguem expressar-se muito bem de forma sinalizada, mas ao partir para o português produzem, mas com muitas dificuldades. Segundo Goés (2012, p.3) “pessoas surdas mesmo depois de terem passado por longo período de escolarização, apresentam dificuldades no uso da linguagem escrita”.

A dificuldade é gerada muitas vezes por falta de uma aprendizagem significativa nas séries iniciais e uma falta de acompanhamento por parte da família, uma vez que algumas famílias tratam a surdez como uma patologia, passível de cura. Dessa forma não utilizam de estratégias específicas no processo de alfabetização, o que gera lacunas na aprendizagem deste sujeito.

Outra dificuldade apontada foi em relação à falta de conhecimento da função do intérprete por parte dos docentes na instituição, mas esta momentaneamente foi contornada, isto porque é de conhecimento de todos a existência da rotatividade de professores nas instituições educacionais, o que pode implicar no retorno de tal situação em um outro momento, bem como pela indiferença de alguns docentes.

O professor e o intérprete de Libras não podem ser comparados e nem mesmo ter equívocos quanto à função de cada um em sala de aula.

*O professor tem o papel fundamental associado ao ensino e, portanto, completamente inserido no processo interativo social, cultural linguístico. O intérprete, por outro lado, é o mediador entre pessoas que não dominam a mesma língua abstendo-se, na medida do possível, de interferir no processo comunicativo. (QUADROS, 2004, p.29 e 30)*

O intérprete e o professor trabalham em parceria, esta relação reforça o que Lacerda ( 2014, p.53) “a relação amistosa entre professor e intérprete, possibilita um diálogo franco sobre acertos e problemas em sala de aula colaborando para melhores condições de ensino aprendizagem aos alunos surdos”. Esta parceria é vista como algo significativo neste processo o que reflete no desenvolvimento do aluno surdo dentro do Instituto.

A presença do intérprete de LIBRAS em sala de aula no IFPI possibilitou ao aluno surdo expor suas opiniões e participar de forma efetiva nas diferentes atividades propostas no ambiente escolar, também foi possível ao professor avaliar o nível de aprendizagem de seu aluno e perceber que este é um sujeito ativo no processo de aprendizagem considerando suas especificidades.

Foi possível perceber nos relatos apresentados que a relação com os docentes no instituto foi bem positiva, estes demonstraram interesse pelas informações no que diz respeito a interação com o aluno surdo e em relação ao trabalho do profissional intérprete, este tem autonomia e liberdade ao expor suas sugestões embasadas em experiências e estudos, sugestões estas que visam contribuir para melhoria do trabalho do docente em sala de aula.

Ao fazer uma análise das falas destes profissionais percebe-se que os mesmo apresentam semelhanças ao apontar as dificuldades e possibilidades no exercício de suas funções e que, mesmo com os desafios, procuram por meio destes relatos, discutir e refletir sobre o processo de incluir esta nova demanda de alunos no Instituto Federal do Piauí.

### **Conclusão**

É inegável que o intérprete é um personagem novo dentro das escolas, por isso ainda persistem algumas dúvidas sobre suas reais responsabilidades diante do processo de ensino aprendizagem dos surdos e quais os seus limites, pois como sabemos o espaço passa a ser dividido entre dois profissionais, o professor e o intérprete de LIBRAS cada um com suas competências específicas.

No decorrer desta pesquisa é explícito que discutir o papel do intérprete no ambiente escolar é uma questão complexa, pois existem teorias que distinguem o professor do intérprete e mostra que ambos possuem papéis diferentes, mas no cotidiano escolar essa relação é muitas vezes confundida.

É compreensível que realizar o processo de ensino aprendizagem do surdo não é fácil, acentuando-se essa dificuldade quando o professor não tem nenhum conhecimento sobre a surdez, e neste contexto o profissional intérprete de LIBRAS precisa se dispor não em realizar a função do professor, mas contribuir com esclarecimentos sobre alguns aspectos para facilitar tal processo, até mesmo porque o que difere da legislação o docente não foi preparado para atender tal demanda.

Portanto, o Instituto Federal do Piauí ao promover a inserção deste profissional em seu quadro efetivo, valoriza o mesmo e permite que este busque além de uma qualificação, a possibilidade de discussão sobre sua função e desta forma contribua de maneira positiva para a inclusão de fato e de direito do aluno surdo no IFPI. Sendo o intérprete um mediador no processo de ensino e aprendizagem, um profissional que contribui para minimizar as barreiras de comunicação encontradas neste ambiente.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a lei 10.436 de 24 de abril de 2002. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm). Acessada em 24 de junho 2014.

\_\_\_\_\_. Lei 10.436 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em [:http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm). Acessado em 24 de junho de 2014.

\_\_\_\_\_. Lei 12.319 de 1º de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais- LIBRAS. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm). Acessado em 26 de junho de 2014.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (organizadoras). **Métodos de Pesquisa**. 1ª Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GÓES, Maria C. R de. **Linguagem, Surdez e educação**. - 4ª Ed. Revista – Campinas, São Paulo : Autores associados, 2012.

LACERDA, Cristina B. F de. **A inclusão de alunos surdos**: o que dizem alunos, professores, e intérpretes sobre esta experiência. Cad. Cedes, Campinas, vol.26, n.69, p. 163-184, maio/ago. 2006. Disponível em: Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

\_\_\_\_\_. **Intérprete de libras**: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental. Ed. Mediação, 6ª edição. Porto Alegre 2014.

QUADROS, Ronice. M. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa.** Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC; SEESP, 2004. 12

PRODANOV, Cleber Cristiano e FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SOUZA, Regina M. de. **O Professor Intérprete de Língua de Sinais em Sala de Aula:** Ponto de Partida para se Repensar a Relação Ensino, Sujeito e Linguagem. Campinas, Educação Temática Digital, 2007, p. 154-170.